**RECOMPONDO LACUNAS? A FORMAÇÃO DOCENTE E O SILÊNCIO EM SALA DE AULA**

Juliana de Souza Lima – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

**Resumo**

Ancorado nas problemáticas observadas e nas narrativas produzidas por futuros professores, o trabalho objetiva refletir sobre a existência e persistência dos silêncios na formação docente. Utilizando como espaço de reflexão um episódio vivido na sala de aula da graduação em Pedagogia da UNIRIO, que tensionou entre seus discentes a viabilidade de reconhecimento e enfrentamento do silêncio. Articulando em sua escrita autores e autoras que apostam na narrativa como parte de se fazer no mundo, o trabalho integra a aposta teórica que questiona os usos e desusos do narrar para construir homens e mundos. Sobretudo, estuda o silêncio como força discursiva para a formação e futura atuação de professores em suas travessias formativas.

**Palavras-chave:** silêncio; narrativas; formação docente; racialidade.

Esta escrita é derivada de uma pesquisa de mestrado já concluída e parte de um desconforto latente acerca dos silêncios presentes na formação de professores, sobretudo na universidade. Ela se constrói principalmente sobre a concepção de uma formação docente enquanto travessia (Sussekind, Lontra, 2016, p.102), assumindo com ela que a existência de “redes de referências que nos permitem estabelecer conversas teóricas, políticoepistemológicas e educacionais” (Idem), tornando-se possível refletir sobre a existência e persistência dos silêncios na formação docente. De maneira conjunta, o trabalho busca apresentar a partir de um episódio vivido em sala de aula possibilidades de enfrentamento desses silêncios.

Se ancorando nas narrativas interseccionais que convidam ao posicionamento (Baroni, 2022) produzidas por discentes para apresentar esses silêncios e seus enfrentamentos, o trabalho se afasta da prática que instrumentaliza narrativas para findar e denunciar uma maneira incorreta de formar professores, julgar instituições e uma classe trabalhadora. O objetivo do trabalho ao reafirmar o caráter único de pesquisas que partem do sujeito em formação, suas narrativas e problemáticas, é refletir sobre como os silêncios se apresentam e persistem intocados e como, em última análise, se transmutam em categorias formativas que acompanham os discentes para o exercício profissional.

Estamos constantemente usando a palavra para compor nossos silêncios (Barros, 2006), então é de se esperar que em uma sala de aula de futuros docentes a afirmação de que “não há preconceito com mulheres, negros, índios, gays...o que existe é preconceito com pessoas de baixa classe social...”, gere manifestações. Essa afirmação, produzida em escrita anônima dentro de uma dinâmica para uma turma de Pedagogia, no entanto, impulsionou a professora, uma mulher branca, a construir uma aula dedicada a falar de interseccionalidade com os alunos com a participação da Prof.ª Patrícia Baroni, referência nessa escrita e acerca do tema.

O trabalho traz esse relato inicial para contextualizar o que acontece no momento em que construímos o espaço dedicado a composição do campo de pesquisa[[1]](#footnote-1) - a conversa com as alunas, semanas após a aula dada pela professora - e embarcamos na reflexão sobre suas próprias formações. Neste espaço, dedicado a reflexão sobre suas formações, a questão ressurge para a discussão, mas tensiona outro lugar de reflexão, afinal, durante a aula da professora Baroni nenhuma das discentes brancas fizeram questão de participar, elas construíram e se mantiveram em silêncio. Diante deste silêncio que se instala não pelas escolhas docentes, ou pela configuração do componente curricular, mas pelo expurgo de parte do contingente discente acerca da temática, nasce o incomodo e o confronto:

ESTUDANTE 1: Tá, mas e o resto das pessoas, sabe? As pessoas que são brancas, elas não têm uma opinião? Não estou falando de vivência, estou falando de ter uma opinião, tipo assim, o racismo existe, eles não têm nada? Não comenta? Porque, sei lá, eu acho que foi meio, não tinha algo..., mas eu achei bizarro. Porque só ficou eu, ela, ela e ela falando.

ESTUDANTE 2: Não foi uma discussão da turma.

ESTUDANTE 3: Foi bem radical. Mas, acho que as pessoas brancas não se identificavam... porque as pessoas, eles têm outras histórias, e as pessoas não...

ESTUDANTE 1: Mas, olha, tem coisas a comentar, eu não estou falando de vivência, porque vivência, realmente, uma pessoa branca não vai viver o racismo. Mas, assim, tem que ter alguma opinião sobre, entendeu? Se eu perguntar para o meu irmão, ele é branco. Se eu falar com ele, vamos falar sobre o racismo, ele tem, sabe, coisas a falar. Ele não tem experiências dele com a questão do racismo, mas ele tem a opinião dele de que, tipo, o racismo existe, e isso aqui acontece, meu irmão de nove anos, ele fala sobre. (Material de Pesquisa produzido em 2023)

Se cremos como Freire (2013) que “não é no silêncio que os homens se fazem”, como é possível que certas lacunas silenciosas se mantenham na travessia que compõe a formação docente? Especialmente quando falamos sobre temas como o racismo, que se rascunha junto com o Brasil. Porque, particularmente na formação para a docência, a questão só é colocada para aqueles que, sendo racializados, sofrem as consequências do racismo? É importante frisar que a temática racial tem sido pautada mais diretamente nos espaços escolares desde a promulgação das leis 10.639/2003 e a 11.645/2008, nas quais torna-se obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira, e de História e Cultura Indígena, mas para além disso, esse tema é parte indissociável do cotidiano brasileiro. Então como ele pode ser expurgado pela branquitude em sala de aula?

Não é nova a instrumentalização do conceito de lugar de fala (Ribeiro, 2017) para questionar a ocupação desse espaço pela experiência e pela vivência – que não resume a concepção teórica proposta por Ribeiro – através dos questionamentos do próprio narrar “ah, então sou branco e não posso falar sobre raça?”, ou ainda, “Estou sendo silenciado, censurado, estão retirando meu direito de fala”, o interessante é a instrumentalização deste lugar como espaço produtor e reprodutor de silêncios quando a racialidade e o racismo precisam ser questionados. Principalmente se este lugar é a sala de aula.

Na escrita deste trabalho é importante sublinhar que essas formações não existem suspensas pelo *espaçotempo* universitário, ao situar essas formações enquanto travessias que extrapolam o tempo periodizado da universidade, implico a existência de relações múltiplas com mundo, de tessituras inscritas dentro e fora da universidade que também a constroem, mas que constroem simultaneamente a escola. Que constitui e se relaciona com o contexto atual, permeado de políticas de exclusão do diferente e que “tem criado e articulado significados que justificam a possibilidade de expurgo do que considera indesejado por meio de uma “pedagogia apocalíptica” relacionada às práticas de programação de morte (Carvalho Filho, 2022, p.128).

As questões que se acumulam na pilha do que desinteressa ao discente a nível individual, mas que compõem a formação, tensionam e no pior cenário direcionam essas formações para práticas que aceitam uma concepção curricular, ou ainda necrocurricular (Garrido, 2022) quando aceita a descartabilidade de sujeitos e suas questões, na qual as vidas são escalonadas, e por isso mais ou menos suscetíveis a deixarem de existir.

Que questões se silenciam no corpo discente pela individualização de temas mais complexos? Parece uma conclusão leviana sobre a futura atuação de discentes em formação, mas é significativo lembrar que nessas futuras atuações docentes, o silêncio não será uma opção se, assim como Freire, se opera pela capacidade educativa dialógica de construir conhecimento, ou seja, de falar-ouvir-falar.

Apesar do tom determinista que levanta a problemática desta escrita, é no mesmo episódio que o enfrentamento desses silêncios se coloca. Para além de apostar em um aporte teórico que não concebe a vida fora do que é narrado, aqui o falar e o ouvir são maneiras de se colocar no mundo de um jeito único e por isso necessário. Com Lorde (2020) fica mais fácil compreender como:

Uma coisa que sempre me fez seguir em frente – e não é coragem nem valentia, a menos que coragem ou valentia sejam feitos disso – é a percepção de que sou vulnerável de muitas maneiras, e não é algo que eu possa evitar; não me tornarei ainda mais vulnerável colocando as armas do silêncio nas mãos dos meus inimigos. (Lorde, 2020, p.122)

É a quebra do silêncio pela fala que expõe o problema que se elimina a lacuna. É encontrar a si mesmo como parte do assunto do qual não se fala pelos seus – seu colega de classe, de profissão, seus amigos etc. – que se confronta a produção de inocência de uma branquitude que agora cria o silêncio, mas antes criou o racismo.

**Referências**

BARONI, P. Narrativas Interseccionais. In: Graça Reis; Inês Barbosa de Oliveira; Patrícia Baroni. (Org.). dicionário de pesquisa narrativa. 1ed.Rio de Janeiro: Ayvy, 2022, v. 0, p. 283-288.

BARROS, M. de. O apanhador de desperdícios. In PINTO, M. C. Antologia comentada da poesia brasileira do século 21. São Paulo: Publifolha, 2006.

CARVALHO FILHO, Evanilson Gurgel et al. O que faz um currículo que verte sangue? nas entranhas de uma subjetividade zumbi. 2022. 211f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

GARRIDO, Alex. O necrocorrículo: uma trama conceitual freireana no pensamento da superação decolonial. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO. Currículo 2022: novos campos de pesquisa e o futuro 15., 23. São Paulo. Anais [...]. São Paulo, n.20, 2022. p. 23.

LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e Conferências. Trad. Stephanie Borges. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RIBEIRO, D. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento; 2017.

SUSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. Narrativas como travessias curriculares: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. Roteiro. UNOESC, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 87-108, jan. 2016. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S2177-60592016000100087&lng=pt&nrm=iso> acesso em 02 maio. 2024.

1. A dissertação, nomeada “Tudo que Nóiz tem é Nóiz: Narrativas de Formação Nas/Das/Com as Redes de Formação”, foi defendida em fevereiro de 2024 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), universidade que serviu como lócus de produção do campo de pesquisa da dissertação e deste trabalho. [↑](#footnote-ref-1)